estudos de casos

entrevista e testes em orientação profissional

ATHAYDE RIBEIRO DA SILVA

Apresentamos êste caso, relativo a uma pessoa do sexo masculino de 37 anos, porque o mesmo enseja observações e advertência quanto ao trabalho de orientação profissional.

ANÁLISE DOS DADOS

Ao apresentar-se ao ISOP, o Orientando disse que vinha em busca de indicação profissional. Fazia o vestibular de Direito, mas sentia-se muito em dúvida sôbre essa escolha, porque não se julgava bom orador.

Antes havia feito um ano de Administração, mas deixara êsse curso, em virtude do horário das aulas, e pelo fato de ter-se casado.

Como primeira medida do processo de orientação, encaminhamos o consulente, logo após a Entrevista Inicial, ao Setor de Informação Profissional, para que tomasse conhecimento de todos os elementos relativos à formação e ao exercício da profissão de advogado.

O planejamento compreendeu ainda prova de inteligência, de interêsses e de personalidade.

Ao ser realizada a entrevista psico-social disse que de sua ida ao Setor de Informação Profissional resultou uma perda de entusiasmo pelo estudo de direito, por lhe parecer saturado o mercado de trabalho.

O Orientando é casado com funcionária pública e se refere à espôsa como pessoa de temperamento muito bom, caseira, habituada a ambiente limitado, tendo dificuldade em movimentar-se na agitação da vida urbana; muito religiosa, não tem problemas no casamento, vivendo em lar harmônico e com filhos bem ajustados.

Nasceu no interior, de pai sem instrução, que bebia, jogava e gostava de criar animais; espancava muito o Orientando; era bom para os amigos, não porém para a família; moravam no local onde o pai trabalhava. Pai abandonou a mãe quando o Orientando tinha doze anos, êste teve, então que trabalhar; tinha muito pouco contato com a mãe, que deixava a casa cedo, rumo ao trabalho.

A mãe teve nova ligação com um homem muito bom para ela, modêlo positivo para o Orientando, já que era muito trabalhador, tocava sete instrumentos, apesar de nem ter curso primário completo. O Orientando teve infância muito difícil.

Iniciou o primário em idade normal, interrompendo-o na 3.ª série; ficou sem estudar até os 19 anos. Aos vinte fez o curso de admissão, colocando-se em primeiro lugar não só nesse exame como no 1.º e 2.º ginasial. Terminou o ginasial e ingressou no científico, que veio a completar em 1957; o curso foi feito com aproveitamento apenas normal tendo havido grande dificuldade em matemática. Suas atividades lúdicas são pouco expressivas; compartilha com os filhos, sábados e domingos, dias em que os vê. No mais leva vida sossegada, pacata, muito caseira.

Namorou pouco. Também a vida sexual, em solteiro, foi discreta. O ajustamento com a espôsa, nesse campo, é satisfatório.

Sôbre si mesmo disse ser muito desconfiado, observador, crítico. Já teve desmaio (Submetido a Eletroencefalograma, a nosso pedido, o resultado foi "EEG ainda compatível com os limites normais de variação").

Na família há um caso de epilepsia, e outro de doença não muito clara quanto ao diagnóstico.

No teste de inteligência (W. Bellevue) obteve escore igual a 104; escore de execução 80; Q. I. total, 93. Com é óbvio, chama a atenção a diferença de 24 pontos entre o escore verbal e o de execução, índice de perturbação emocional.

Os interêsses constatados através dos testes foram atividade assistencial no percentil 95, e trabalho ao ar livre no percentil 90.

As provas de personalidade evidenciaram uma predominância acentuada de pensamento prático e analítico, rigidez, hostilidade reprimida, sentimento de inferioridade física, solidão e acentuada insegurança.

De posse dos elementos de informação, ou seja dos resultados dos testes, iniciamos o estudo do conselho; nossa atenção foi imediatamente voltada para a aparente contradição entre as características de personalidade e o elevado interêsse por atividades assistenciais. Como não nos colocamos em posição rígida quanto às questões de personalidade em orientação profissional, julgamos, todavia, que, de qualquer modo, fazia-se necessária uma segunda entrevista preliminar ao aconselhamento, para explorar-se mais a fundo a motivação de tão elevado índice de interêsse por atividades assistenciais. Afinal, na entrevista inicial, e na psico-social, mais completa, a área de interêsse por atividade social ou assistencial não fôra uma vez siquer mencionada pelo Orientando.

Não poderíamos também desprezar o fato de nosso consulente contar 37 anos de idade, quando a zona de interêsse da personalidade está amadurecida e tende, inclusive, a tornar-se restrita.

No ato do aconselhamento fizemos a exposição dos resultados dos testes ao Orientando e, cautelosamente, abordamos o problema do que indicávamos; perguntamos-lhe como se sentiria no exercício de uma profissão assistencial. Iniciávamos os passos de um trinômio: conselho-entrevista-conselho.

Veio então uma série de informações complementares que mostram o valor da entrevista, e como só por ela podemos avaliar o que um indivíduo faz, na prática, não só de seu potencial como até de suas insuficiências, coisa que os testes não podem revelar. De um homem de 37 anos essa segunda entrevista nos deu um histórico mais detalhado: uma consagração e gôsto por atividades assistenciais na grande emprêsa autárquica em que trabalhava; uma satisfação e êxito nêsse tipo de atividade, a tal ponto que após organizar o serviço social e ter que movimentar-se para outro Departamento, continuou sendo procurado pelos colegas, em busca de conselho e orientação; ainda mais: sucesso em negócios com investimentos de várias espécies, graças ao dinheiro poupado, felicidade com os filhos, casamento harmônico.

E contou mais certas passagens que omitira na primeira entrevista: defeito numa das vistas que o fazia pràticamente ver com um ôlho apenas, o sofrimento na infância com os outros meninos, chacoteando-o com o apelido de "o caôlho", as môças que o recusasavam nos bailes, por êle ter uma única vista.

Apesar de tôdas essas insuficiências, de todos os recalques, o Orientando com tenacidade e brio, elã e esfôrço, realizou uma obra estável para si e sua família.

Êste caso provocou em nós a lembrança de um ponto de vista já sustentado alhures: nós, psicólogos, devemos lutar contra

um cacoete de nossa profissão: a tendência a nos concentrarmos e hipervalorizar-mos os pontos negativos de uma pessoas, com esquecimendo e despreocupação em relação aos positivos.

Devemos ter presente que os testes têm validade mas não podemos decidir só por êles; devemos não esquecer que o potencial de um indivíduo e os incentivos sociais de afirmação nem sempre são demonstráveis através de testes; que a capacidade de agir, seja por energia específica, por supercompensação ou reparação das insuficiências, constituem um dêsses imponderáveis da natureza humana, como o demonstra, sobejamente, a criação artística por parte de desvalidos, de inferiorizados e até de neuróticos.

Enfim, devemos usar os testes, mas não julgarmos só por êles; sobretudo reiteramos sempre, que a Entrevista continua sendo o instrumento número um da Psicologia Aplicada e que só por ela se conhece o histórico de uma personalidade, histórico êsse que é o melhor esclarecimento sôbre os aspectos positivos da dinâmica pessoal, e que nos oferece o elo final para a avaliação global do ser humano; e o critério de visão total da personalidade constitue nosso lema fundamental em orientação profissional.

O conselho, no presente caso, foi Psicoterapia (para tornar mais suave o preço da vida a ser ainda pago pelo Orientando); e, profissionalmente, o estudo de administração, com vistas e especialização na parte assistencial.